

NAS VEREDAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NA MODALIDADE DE ENSINO A DISTÂNCIA EM INSTITUIÇÕES PÚBLICAS

Luiz Carlos dos Santos

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Educação a Distância é profundamente apontada pelo fulcro da democratização do conhecimento e antiga na história da humanidade, entretanto, ainda, depara-se com óbices e, sobretudo, com preconceitos no *locus* da academia.

Convém ressaltar que uma educação, tanto a distância quanto presencial, exige um âncora de saberes que se interceptam constantemente no cotidiano do professor. Na atualidade, o uso da tecnologia vem rompendo com práticas pedagógicas e propiciando uma aproximação entre os sujeitos no processo da aprendizagem - professor e aluno -, presentes na concepção de Freire (2005) de que o professor também aprende quando ensina ao estudante. Nesse sentido, de acordo com denominação utilizada para a Educação a Distância, o longe se torna próximo (FIDALGO *et al.*, 2012) quando ocorre uma sintonia de aprendizagem mútua nas relações mediadas pelas tecnologias.

Ante o panorama que enfrenta a Educação a Distância nas universidades públicas na contemporaneidade, a discussão sobre a sua realização possibilita desnudar um trabalho grandioso que vai paulatinamente ganhando espaços e adeptos.

Conforme literatura existente, consultada para esta produção, cujo assentamento encontra-se nas “referências”, o ensino a distância surgiu, no Brasil, como um projeto de ampliação de acesso ao nível superior, porém a garantia do tripé - ensino, pesquisa e extensão -, ainda é um desafio para essa modalidade. O ensino a distância é mediatizado pela plataforma do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e por intermédio de tutores, materiais didáticos, polos, entre outros recursos e equipamentos.

No Brasil, a educação a distância foi reconhecida legalmente como modalidade de ensino, pela primeira vez, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – Lei nº 9.394 de 1996, artigo 80 - que preconiza que “o Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”.

O Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) ancora-se em cinco eixos fundantes:
a) expansão pública da educação superior, considerando os processos de democratização e

acesso; b) aperfeiçoamento dos processos de gestão das instituições de ensino superior, possibilitando sua expansão em consonância com as propostas educacionais dos estados e municípios; c) avaliação da educação superior a distância tendo por base os processos de flexibilização e regulação implantados pelo MEC; d) estímulo à investigação em educação superior a distância no País; e, e) financiamento dos processos de implantação, execução e formação de recursos humanos em educação superior a distância. (UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL, 2014).

Os primeiros cursos desenvolvidos no âmbito do Sistema UAB resultaram da publicação de editais. O primeiro edital, conhecido como UAB1, publicado em 20 de dezembro de 2005, possibilitou a concretização do referido Sistema, por intermédio da seleção para “integração e articulação das propostas de cursos, apresentadas exclusivamente por instituições federais de ensino superior, e as propostas de polos de apoio presencial, apresentadas por estados e municípios”. O segundo, publicado em 18 de outubro de 2006, denominado UAB2, permitiu a participação de todas as instituições públicas, inclusive as estaduais e municipais. E, em 2007, o sistema UAB repassou recursos às instituições de ensino superior para a ampliação do acervo bibliográfico dos polos. Em 2008, o Sistema UAB fomentou a criação de cursos na área de Administração, de Gestão Pública, além de outras áreas técnicas.

O presente *paper* tem por objetivo evidenciar o papel da pesquisa e da extensão na modalidade a distância em instituições públicas de educação superior.

A metodologia utilizada teve o seguinte delineamento: tipologia quanto aos objetivos de caráter exploratório; natureza de abordagem de cunho qualitativo; natureza da exposição do objeto investigativo de ordem teórica ou revisional, apoiada em fontes bibliográficas e eletrônicas.

O texto em foco é composto de quatro seções: a primeira, refere-se a estas considerações iniciais; a segunda, traz o panorama do aprendizado na modalidade a distância; a terceira aborda-se a questão da pesquisa e extensão no formato a distância; e, finalmente a quarta, tem-se as considerações finais

2 O APRENDIZADO NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

Ao tratar-se de modelo a distância, muitas discussões são pertinentes. Ao pensar as diferenças das relações estabelecidas entre o professor – sendo este coordenador de disciplina, ou o tutor - e o aluno, percebe-se que elas poderão ser bastante difusas (LUNA e ANDRADE,

2013). Estes diferentes espaços educacionais propostos pela educação a distância (EaD) instigam o debate sobre a noção de “presença”, que Godoy (2009) discute analiticamente, comparando o ensino presencial (que a autora prefere denominar “convencional”) ao ensino a distância. Para este autor, em ambas as modalidades há uma “presença”, no entanto, esta se expressará de formas distintas no ensino convencional e no ensino a distância.

Concordando com Godoy (2009), no que se refere à presença do professor ser manifestada de forma distinta no ensino presencial e no ensino à distância, percebe-se que a noção que alicerça essa discussão se encerra no que é interpretado como educação. O que estaria em jogo é a proximidade, concebida como presença em ambas as modalidades. Ao se privilegiar a noção de proximidade do professor/ coordenador como princípio fundamental da aprendizagem, retira-se do aluno o papel protagonista da construção de seu próprio conhecimento. Ainda acerca das particularidades entre as duas modalidades de ensino, tem-se a reflexão trazida por Castro (2014). Para esse autor, o vínculo e a identidade do aluno da educação a distância exigem discussão maior, pois o que está em jogo é o afastamento da Universidade.

A concepção de não presença do professor/coordenador - orientada pela noção de que presença é estar próximo, conforme pontuou Godoy (2009) - e a noção de vínculo discente – concebida como afastamento da identidade universitária - geram o descompasso entre a EAD e o que define a Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil (LDB 9394/96) para o Ensino Superior em seu Art. 52: “As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano”. (BRASIL, 1996, p. 18).

Essa concepção de universidade ainda é desafiadora, quando se pensa na modalidade de ensino à distância, pois, como pontuado, estar-se arraigados a noções discrepantes de afastamento/presença, vínculo/identidade, que desconsideram o aspecto fundante da modalidade a distância: sua estrutura com fortes bases nas chamadas tecnologias de comunicação e informação (TIC). Nessa maneira de estruturação do processo de educação, conceitos e valores estão sendo permanentemente reelaborados e revistos. O processo é o mesmo: o pilar “ensino/pesquisa/extensão” fundamenta a estrutura, a concepção de indissociabilidade entre os três permanece, as ferramentas e os instrumentos fornecem novos elementos para a produção de um conhecimento, cujo paradigma é o mesmo: a ciência.

À Universidade compete a produção/geração de um conhecimento específico, resultante dos pilares “ensino, pesquisa e extensão” e, em termos filosóficos, sua missão é levar à comunidade o produto de suas ações. Distintamente das demais IES, na universidade

pública o cumprimento dessa missão deve ocorrer de forma indissociável entre pesquisa, ensino e extensão, resultando, assim, na geração e na transmissão de conhecimentos. Por não compartilhar de interesses econômicos expressos na mercantilização do ensino, à universidade pública cabe a relevante missão de desenvolver visão crítica sobre a sociedade. Pensar o futuro com esta característica de geração de conhecimentos em todas as áreas permite que o estudante formado se deixe permeiar pelo fluxo de cultura, fazendo com que a universidade forme não apenas o profissional, mas o profissional-cidadão, capaz de exercer a sua profissão no contexto mais amplo do exercício da cidadania.

A finalidade da modalidade EAD de educação é orientar o aluno ao pensamento complexo, utilizando elementos como a afetividade e a emoção, para auxiliá-lo a encontrar o seu ponto de equilíbrio. Ao se realizar uma investigação teórica temos como objetivo principal, conhecer caminhos que facilitem a interação e auxiliem na construção do conhecimento pelo aluno.

Piaget (1975), Vygotsky *apud* Delgado (2003) e Morin (2007) trouxeram grandes contribuições para o ensino e suas teorias podem ser inseridas na metodologia EaD, facilitando a quebra de barreiras proporcionadas pela distância nesta modalidade. Tendo o tutor o papel de motivador e incentivador no processo pedagógico, fazendo a mediação entre o conteúdo aplicado, as atividades presenciais e nas dúvidas que surgirem no auto estudo.

A Educação a Distância é uma modalidade de educação aberta e democrática baseada na Construção coletiva do Conhecimento, onde mediante Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) acontecem as interações e os processos de comunicação. A EaD é baseada num material didático específico, com profissionais capacitados e preparados para atuar nessa modalidade, portadores de características incentivadoras e motivadoras do processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com (GARCIA ARETIO, 2001), ratifique-se que a EaD se baseia em um diálogo didático mediado entre o professor (instituição) e o estudante que, localizado em espaço diferente daquele, aprende de forma independente, cooperativa.

Já para Means *et al* (2010), existe uma tendência para que instituições passem a ofertar modelos híbridos ou semipresenciais de EaD. Segundo este autor, mesmo com todos os avanços tecnológicos e informações disponíveis, estas não suprem a orientação e/ou mediação pedagógica de um tutor em sala de aula, cujo principal objetivo é a troca de saberes e experiência, foco esse procurado pelas novas gerações de estudantes.

3 PESQUISA E A EXTENSÃO NA MODALIDADE EaD

Pesquisa e a extensão, às quais os estudantes dos cursos presenciais têm acesso, ainda são raríssimas para os alunos dos cursos a distância. A hipótese de que ausência da pesquisa e extensão contribui para a ideia da não presença do professor/coordenador, tornando deficitário o aprendizado e gerando o sentimento de não pertencimento do discente à universidade à qual está vinculado. Cabe às Instituições de Educação Superior (IES) aproximar os alunos dos cursos de graduação a distância, com a finalidade de promover a inclusão social e possibilitar o acesso e a partilha de conhecimentos entre os sujeitos por meio de um intenso processo de comunicação e de novas práticas sociais em redes eletrônicas.

As atividades de Iniciação Científica (IC) como os Seminários Interdisciplinares ou projetos de pesquisa, contribuem para que a Educação a Distância transgrida as políticas paliativas, permitindo passos para além da porta de entrada da educação superior. Independente se, o estudante está em um modelo totalmente *online* e/ou semipresencial, induzir o aluno a pensar cientificamente é relevante para sua atuação profissional. Modelos articulados, mesclando encontros virtuais e presenciais, promove o desenvolvimento de práticas educativas mais satisfatórias. Entende-se que o futuro da educação a distância estará vinculado à modelos híbridos ou semipresenciais, onde o estudante tenha acesso a conteúdo de forma articulada com seus professores e tutores, podendo-os fazer o correto direcionamento alinhando teoria e prática.

De modo geral, pode-se perceber que os estudantes, na modalidade a distância, se identificam com a iniciação científica implementada no currículo dos cursos, uma vez que esta vem ao encontro do fazer ciência e gerar conhecimento. Essa estratégia de interdisciplinaridade proporciona aos estudantes relacionar os saberes, motiva a apreender por si mesmo, a resolver problemas, inovando e confiando em suas potencialidades. Assim, garante-se a esses acadêmicos um processo de formação integral, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da sua jornada profissional. Nessa perspectiva, admite-se a necessidade de modelos híbridos, que mesclem atividades virtuais com encontros presenciais, tornando a IC mais eficiente, eficaz e efetiva.

Constata-se que, por estar distante da sede das universidades e do professor universitário, há um latente desejo pela construção de um pertencimento que permita ter o mesmo status e oportunidades dos cursos presenciais das universidades. Acreditando que a extensão cria possibilidades para se estar a par e à frente do tempo, defende-se que as atividades extensionistas possam contribuir para criar, estabelecer e consolidar o

relacionamento e o diálogo permanente e simbiótico entre universidade e sociedade.

Na órbita extensionista concebe-se a EaD como um conjunto de processos que permite a flexibilização de ações juntamente com a sociedade e que traz consigo uma postura de liberdade de abordagens criativas e inovadoras na busca de respostas e soluções aos problemas contemporâneos. Portanto, o valor da extensão universitária está justamente na forma de sua ação e atuação, ao lidar e defrontar-se com a realidade em constante movimento e, nesse sentido, melhor apreendê-la como processo.

A construção do processo de trabalho extensionista ver-se como facilitadora para uma efetiva integração entre a instituição universitária e a comunidade com a qual ela se propõe interagir. Tal processo pressupõe difundir o conhecimento produzido dentro da universidade e, ao mesmo tempo, criar condições que possibilitem absorver o conhecimento e a cultura existentes nas comunidades.

A extensão na modalidade EaD pode orientar as ações de polos da Educação, visando: aproximar o polo da comunidade tanto acadêmica como local; proporcionar atividades educativas que visem fazer de cada polo um lócus ativo de encontro cultural e formação de profissionais, bem assim da divulgação do saber, da ciência e da tecnologia; ser um espaço para discussão e reflexão de questões atuais, levando a elucidações da comunidade sobre os problemas por ela vividos e fortalecendo tanto a formação do aluno da graduação a distância, como a atividade docente na modalidade.

Acredita-se, dessa maneira, a compreensão de que a extensão, assim como a pesquisa, deve fazer parte do cotidiano dos cursos a distância ministrados pela universidade, inserindo-os no mesmo horizonte em que são ofertados os cursos presenciais. O aluno do curso a distância deve ser um aluno universitário completo, ou seja, ter acesso às três áreas de atuação inerentes às universidades públicas brasileiras: ensino, pesquisa e extensão.

Nessa perspectiva, busca-se estabelecer um diálogo que pressupõe essa ideia de mão dupla quando se pensa nas ações de Educação a Distância, tornando-se necessário que se construa mecanismos de extensão universitária diferenciados com difusão e acesso à comunidade, que sejam tanto presenciais quanto de difusão tecnológica.

Propostas de extensão na modalidade em tela devem sempre considerar os polos - alunos e comunidade - como unidades únicas e especiais. A inserção da universidade nesses polos, visa contribuir para sua transformação por meio da prática cotidiana de pesquisa, ensino e extensão, mas, fundamentalmente, abrir-se, também, ela mesma, na busca de se transformar e absorver novos conhecimentos.

Vários são os exemplos de propostas do tipo extensionistas: de integração do saber

acadêmico com o conhecimento popular reverberando na democratização do conhecimento, o desenvolvimento da consciência social, o respeito e a difusão das raízes culturais das comunidades; interiorização da educação, saúde e qualidade de vida; cursos livres, entre outras. Nessas situações tanto o ensino a distância como a extensão podem estabelecer ações transformadoras. Mas, para que se possa estabelecer essa possibilidade de transformação, é importante desenvolver uma estrutura operacional que possibilite a institucionalização do trabalho de extensão universitária.

A organização do trabalho extensionista, com dinâmicas e versatilidades inerentes e próprias de execução, é operacionalizada e desenvolvida sob a forma de programas, projetos e atividades. Busca-se, com essa estrutura institucional e organizacional da extensão, criar mecanismos políticos que levem à aproximação cada vez maior da universidade com as comunidades atendidas. Representa, sem dúvidas, um grande esforço no sentido de aperfeiçoar o seu diálogo com vários segmentos da sociedade.

O trabalho de extensão a distância em IES públicas pode defrontar-se com algumas dificuldades tecnológicas, mas, de um modo geral, vem alcançando relativo sucesso em suas ações juntamente com os polos nos quais é desenvolvido. O sucesso tem se manifestado por meio do crescente interesse pelas atividades e cursos oferecidos, o que estimula a ampliação das ações de extensão. Dessa maneira, cresce a compreensão de que a extensão, assim como a pesquisa, tem que fazer parte do cotidiano dos cursos a distância, situando-se no mesmo horizonte em que são ofertados os cursos presenciais. O estudante do curso a distância deve ser um aluno universitário completo, ou seja, ter acesso às três áreas de atuação inerentes e ofertadas pelas universidades públicas brasileiras (ensino, pesquisa e extensão).

As ações das atividades de extensão no âmbito de programas de EaD no país, notadamente nas IES públicas permitem aos que estão envolvidos se defrontarem e lidarem com realidades diversas de uma forma inovadora e aberta às diferenças sociais, econômicas, ambientais e culturais, caminho esse que é essencial para o entendimento das diversidades presentes na sociedade contemporânea.

Conforme o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), extensão universitária é definida, sob o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, como um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a universidade e outros setores da sociedade. Na tentativa de alcançar a transformação proposta, faz-se necessária uma visão estratégica voltada para a formação de profissionais qualificados para o mercado de trabalho e, sobretudo, o estímulo e implementação de ações voltadas para o

envolvimento entre universidade e comunidade.

A universidade, como instituição que tem a missão de promover a produção do conhecimento e a formação de profissionais qualificados, não exerce bem tais papéis se estiver voltada para si própria. Para que o conhecimento gerado por intermédio do ensino e da pesquisa apresente sentido, ele precisa estar vinculado à comunidade. Diante do exposto, cabe à universidade uma reflexão constante quanto às formas com que os projetos sociais serão apresentados e desenvolvidos na comunidade.

Entende-se que algumas indagações intrínsecas à comunidade local devem ser levantadas, tais como: os problemas reais e cotidianos estão sendo investigados? O conhecimento adquirido está contribuindo de alguma forma (direta e/ou indireta)? Os projetos estão voltados para as necessidades da comunidade ou para os interesses da universidade ou do extensionista? As ações precisam estar voltadas para as demandas da sociedade.

Quando as necessidades forem naturalmente percebidas pela comunidade acadêmica e incluídas no seu fazer, as IES cumprirão com sua finalidade - a relação entre universidade e comunidade gera uma via de duplo sentido, em que a universidade leva conhecimento e/ou assistência à comunidade e recebe dela *feedback* positivo, tais como: suas reais necessidades, anseios e aspirações. Além disso, a universidade também aprende com o saber dessas comunidades. Nesse contexto, professores e alunos que estão diretamente envolvidos em tais projetos são beneficiários nesse processo de aprendizagem, pois além de participarem ativamente como aprendizes, têm a oportunidade de disponibilizar o conhecimento de forma transformada (adequada) para o bom entendimento e aplicação no cotidiano da comunidade. A interação bem estabelecida entre esses dois âmbitos pode gerar para a universidade as linhas de pesquisa mais necessárias à realidade na qual ela está inserida, o que pode proporcionar a transformação social da comunidade local.

Quanto à importância dos projetos de extensão na formação profissional do estudante, o FORPROEX explica que

As atividades de Extensão Universitária constituem aportes decisivos à formação do estudante, seja pela ampliação do universo de referência que ensejam, seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam. Esses resultados permitem o enriquecimento da experiência discente em termos teóricos e metodológicos, ao mesmo tempo em que abrem espaços para reafirmação e materialização dos compromissos éticos e solidários da Universidade Pública brasileira.

De acordo com Lima e Steinke (2011), “a extensão universitária, seja por meio de ações de caráter social ou acadêmico, contribui para o processo de qualificação na formação docente, uma vez que amplia o conhecimento sobre determinado tema”. Nesse sentido, a

criação e aplicação de projetos de extensão universitária direcionados aos polos de Educação a Distância visam, além de preencher a lacuna da escassez de eventos científicos e de programas de pesquisa, estreitar laços entre os polos e a comunidade e estabelecer a aproximação do aluno da graduação a distância com as práticas comuns da docência.

Frente aos avanços tecnológicos, principalmente no campo da tecnologia da informação, têm-se alterado sobremaneira as relações no interior das instituições, forçando-as a repensarem suas funções e os métodos para desempenhá-las. Os programas de extensão, da mesma forma, precisam se adequar para atender a nova demanda surgida com o advento das tecnologias. Nesse sentido, acredita-se ser possível o desenvolvimento de ações em três vertentes: ações desenvolvidas por alunos de cursos do EaD para oferta presencial no Polo de Apoio Presencial; ações desenvolvidas por alunos de cursos EaD para oferta de público virtual; e, ações desenvolvidas pela universidade (presencial) para oferta ao público virtual.

O conceito de extensão universitária, segundo Jezine (2007), ao longo da história das universidades brasileiras, principalmente das públicas, passou por vários matizes e diretrizes conceituais. Da extensão cursos, à extensão serviço, à extensão assistencial, à extensão “redentora da função social da Universidade”, à extensão como mão dupla entre universidade e sociedade, à extensão cidadã, momento esse em que se pode identificar uma resignificação da extensão nas relações internas com os outros fazeres acadêmicos, por exemplo: pesquisa, ensino e extensão e na sua relação com a comunidade em que está inserida. Além de todo esse processo, a extensão, pode receber uma demanda para acolher alunos da modalidade a distância em propostas extensionistas, mas também recebe como desafio adaptar as normatizações universitárias que necessitam melhor dispor-se diante das funções acadêmica, social e articuladora de uma universidade que agora é pensada em um contexto de uma política pública que visa à “Educação para todos”.

Muitas atividades de pesquisa e extensão a distância podem ser executadas nas IES, a exemplo de mídias cinematográficas, objetivando incentivar a socialização de informações culturais - não é novidade que se pode utilizar filmes em qualquer contexto educacional com o objetivo de compartilhar cultura e conhecimento. Um filme pode ser utilizado como forma de ilustrar determinado conteúdo (forma tradicional e mais comum de abordagem), pelo contrário, o foco era despertar as possibilidades de compartilhar conhecimento através de alternativas viáveis no contexto da EaD, impulsionando de maneira lúdica a criatividade e a ousadia, permitindo a cada interlocutor vivenciar experiências criativas. Portanto, as possibilidades de uso do cinema na Educação a Distância são inúmeras e podem estabelecer diferentes conexões. À mídia fica reservada a ação de comunicar, de praticar o

desenvolvimento na totalidade das relações sociais, afetivas e psicológicas entre os adultos, as crianças, a comunidade e o espaço social em que vivem. Deve-se compreender a mídia como produção cultural, pois, segundo Bakhtin (2001), toda produção cultural somente se torna possível quando se torna capaz de abstrair dela três elementos: o conteúdo, a forma e o material, sendo que cada elemento não poderá ser entendido separadamente.

Outros exemplos hipotéticos extensionistas podem ser usados, entre eles: a educação ambiental e desenvolvimento sustentável; o recurso da língua portuguesa caracterizada enquanto potencialidade de integração com diferentes áreas do conhecimento, pois o conhecimento é produzido e é socializado a partir dos recursos linguísticos e discursivos, podendo contribuir com as inúmeras leituras possíveis de textos orais e escritos, explicitando os vínculos culturais, as intencionalidades, as posições valorativas e as possíveis ideologias sobre meio ambiente embutidas nos textos”.

Conforme Delgado (2003) para Vygotsky a interação entre os sujeitos é extremamente fundamental na construção do conhecimento, uma vez que o indivíduo o adquire na relação com e entre seus pares e por toda vida, ou seja, o indivíduo não necessita estar dentro de uma sala de aula para ocorrer seu desenvolvimento, este acontece durante toda a vida em ambientes destinados a aprendizagem ou fora deles.

Os indivíduos são seres integrais, completos, cuja aprendizagem consiste em emoção, conhecimentos sociais e culturais, nas relações com os mesmos. Essas relações devem ser valorizadas na mediação ensino aprendizagem dentro da modalidade EAD, uma vez que a diversidade entre as relações traz condições de desenvolver habilidades e competências que lhe promovam autonomia intelectual e interação social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que o fazer da pesquisa e da extensão universitária, na perspectiva metodológica do ensino em um formato a distância, exige toda uma preparação e uma abertura dos diferentes profissionais que transitam pelo meio universitário, para a organização de projetos cujas metodologias estejam em consonância com as necessidades e com os referenciais da Educação a Distância, bem como com uma postura interdisciplinar, que se reveste, sobretudo, de aspectos pluridisciplinares e transdisciplinares que permitirão novas formas de cooperação.

A possibilidade da estratégia de “Mídia e Educação” na Educação a Distância configura incluir na modalidade não apenas uma alternativa pedagógica, mas, também, uma

concepção de educação ao longo da vida. Com base na cultura cinematográfica e em estratégias de compartilhamento colaborativo de saberes em rede, experimentado uma prática pedagógica diferenciada que valoriza a existência dos vários saberes existentes - universidades e a comunidade na troca de vivências cinematográficas, experiências culturais e percepções pessoais voltadas para a questão da diversidade cultural. A modalidade a distância oferta possibilidades que vão além da simples utilização de recursos tecnológicos. Ela possibilita a construção de comunidades virtuais de aprendizagem e permite a interlocução com outras tecnologias educacionais e com redes sociais, favorecendo o desenvolvimento de estratégias de extensão que podem ampliar a oferta à comunidade, bem como a criação de outros espaços de diálogos.

Projetos de extensão desenvolvidos na modalidade a distância, têm grande potencial de aproximar universidade e comunidade, levando a primeira para além de seus espaços e agendas presenciais. A modalidade a distância tem também potencial de atingir um público mais amplo, quebrando a barreira de espaços geográficos e de tempo. Dessa maneira, favorece a criação de novos vínculos por meio do desenvolvimento de práticas pedagógicas, a exemplo do hipotético recurso da língua portuguesa que pode criar novos espaços de diálogos, escutas e acolhimento, capazes de fortalecer cada vez mais os vínculos sociais e afetivos.

Entende-se que este *paper* alcançou seu objetivo na medida em que trouxe à baixa constructo teóricos acerca da pesquisa e extensão na modalidade a distância, incluindo possíveis exemplos de atividades nestas áreas, no formato EaD.

Encerra-se este texto salientado seu o propósito não foi de esgotar a temática tão ampla que é, apenas serve para instigar debates futuros com maior aprofundamento acerca da matéria.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, S.; CARVALHO, M. A. P.; STOTZ, E. N. O processo de construção compartilhada do conhecimento: uma experiência de investigação científica do ponto de vista popular. *In*: VASCONCELOS, E. M. (Org.). **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da Rede Educação Popular e Saúde. São Paulo: HUCITEC, 2001. p. 101-114.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. DOU 23/12/1996 CASTRO, L et al. A sindicalização dos docentes Precarizados pela Política de Ead no Brasil. *In*: **Caderno de Textos CONAD**. ANDES. Aracaju - SE: 2014.

CATRAMBY, T. *et al.* **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Turismo.** UFRRJ, Seropédica – RJ. 2008.

CATRAMBY, T.; MACEDO, A.P. Ensino a distância: desafios e oportunidades na formação de professores. *In: Anais* Eletrônico do V Encontro Anual da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo - ANPTUR. Belo Horizonte, 2008. p. 1-9.

DELGADO, Evaldo Inácio. **Pilares do Interacionismo:** Piaget, Vigotsky, Wallon e Ferreiro. São Paulo: Érica, 2003.

FAZENDA, I. (Org.). **Didática e interdisciplinaridade.** Campinas: Papirus, 1988.

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária.** Manaus, maio 2012.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação.** 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GODOY, K.E. **Formação humana no ciberespaço:** os sentidos da presença na educação a distância. 2009. 175 f. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/LPP – UERJ). Rio de Janeiro, 2009.

JEZINE, E. M. **A crise da universidade e o compromisso social da extensão universitária.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006.

LIMA, C. L.; STREINKE, V. A. Atividades de extensão universitária na formação docente em geografia: a importância da iconografia. **Revista Didáticas Específicas**, n. 5, p. 1-20, 2011.

LUNA, S; ANDRADE, D.S. O Papel da Extensão Universitária na Educação Semipresencial através do Projeto “Visite Seu Bairro”. Rio de Janeiro: **Revista Itinerarium**, v.1, n. 1. p. 25-39, 2013.

MACHADO, M. R. L. et al. A importância dos programas de extensão para formação universitária a distância. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA (ESUD 2013)*, 10., 2013, Belém. **Anais...** Belém: ESUD, 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 12.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

NUNES, A. L. P. F.; SILVA, M. B. C. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, n. 7, p. 119-133, jul./dez. 2011.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança.** 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

REGO, Teresa Cristina. **Vigotsky:** uma perspectiva histórico-cultural da educação. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SANTOS, Luiz Carlos dos. **Tópicos sobre educação.** Disponível em: www.lcsantos.pro.br. Acesso em: 06 maio 2020.

SCHWARTZ, G.; LUCCHESI, J. M. Cidades criativas e conexão audiovisual. *Informações, FIPE*, n. 370, jul. 2011.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SOARES, V. L. A. O papel social das IES: contribuição do ensino superior particular. *Revista do Centro de Estudos Sociais Aplicados*, Belém, n. 6, p. 8, out. 2003.



LUIZ CARLOS DOS SANTOS
www.lcsantos.pro.br